

MARIA

Heterosse  
38,00

A. CULTURA DO POVO, A PRÁTICA DA CLASSE :

Canções de militância

Poema didático sobre a Cultura do Povo e a Educação Popular, acompanhado de enunciados de início e notas ao final.

Carlos Rodrigues Brandão  
Campinas, março, 1980

1ª Conferência Brasileira de Educação  
Simpósio sobre Concepções Teóricas de  
Educação Popular

os enunciados de início

PRA QUEM EU FALO

1. Cultura Popular é o que o povo vive e faz,  
E é aquilo sobre o que eu penso.
2. Uma face da Cultura Popular é o Folclore,  
A memória de um saber ao mesmo tempo imposto e recriado.
3. A outra face da cultura do povo  
Reflete os atos e as regras das lutas populares.
4. O Educador popular muitas vezes olha  
E não vê os seus companheiros que há no povo.
5. É o trabalho político da classe quem transforma  
O que a Educação Popular apenas ajuda a transformar.
6. O horizonte da educação popular não é o homem educado,  
É o homem convertido em classe, e livre.
7. EM NOME DO QUE EU FALO, COMPANHEIRO.

PRA QUEM EU FALO

Falo somente com o que falo,  
Com as mesmas vinte palavras.

João Cabral de Melo Neto

Somos alguns, companheiros, e somos desiguais (1).  
Há nomes diversos para nós: cientistas, estudantes, professores  
a quem interessam a consciência do povo e a cultura popular,  
mas são poucos aqueles a quem o interesse obriga ao compromisso.

Há o "pesquisador da cultura" caçador de borboletas  
das coisas que o povo vive, pensa e faz.  
Há o professor calçado de bons propósitos.  
Ele vai à roça e à favela: educa, alfabetiza, ajuda,  
participa da vida do povo do lado de fora das lutas populares.  
É um bom caçador de palavras e crê que elas podem mudar o mundo.  
Há também o educador-militante, o educador popular  
que arranca do seu trabalho uma arma a mais  
na linha de frente da prática política dos subalternos.  
Ele não caça nada. Luta a seu modo a luta necessária.

Esta fala acesa sobre a educação do povo  
é dirigida a todos três,  
o é dedicada ao que menos precisa dela  
porque aprendeu antes a passar de caçador a militante.

Cultura Popular é o que o povo vive e faz,  
E é aquilo sobre o que eu penso.

Cultura Popular é o que eu, burguês, vejo aos pedaços  
da vida do boia-fria, do camponês, do operário:  
o trabalho do povo, os artifícios do viver  
e a canção sobre o trabalho e a vida.  
"Cultura Popular" é também o meu conceito, a minha teoria,  
algumas vezes a minha ilusão, outras, o meu emprego.  
Por isso ele faz a sua arte e eu lhes invento os nomes:  
"cultura", "popular".

A cultura popular é a tessitura do outro sobre o mundo,  
no lugar de onde eu não sou, de que não faço parte.  
É o que se faz sem mim, fora do poder do meu trabalho erudito,  
mas não do ardil do meu pensar burguês,  
que pensa a cultura da vida de que não é parte  
para compreendê-la ou para fazer parte do seu domínio?(2).

Mesmo que eu more ao lado da favela, ou dentro dela,  
há uma distância de muitos alqueires  
entre o quintal da cultura popular e a minha mesa.  
A distância que existe entre o fazer de dentro  
com o trabalho e a vida,  
e o trabalho sem vida de pensá-la de fora,  
quando o ato de pensar a cultura do outro  
não é nada mais do que o compromisso do pensador com ele mesmo,  
ou com a pequena quadrilha dos seus iguais (3).

O camponês paulista dançador da Função do São Gonçalo canta:

"Eu adoro São Gonçalo  
Que é filho da Virgem Pura  
E vamos fazer Bem certinho  
Nossa vida um pouquinho dura.  
E São Gonçalo quer que dança  
Tá avisando às criaturas,  
A nossa Hora já chegou  
Vamos fazer santa misura"(4).

Eu anoto o escravo:

"Podemos concluir que o cantar do caipira sobre a sua condição é o produto simbólico de sua posição estrutural subalterna no campo das relações dialéticas entre o senhor e o escravo, dentro do modo de produção capitalista que historicamente produz na formação social periférica o antagonismo entre o oprimido e o opressor".

Ele me olha, afina a viola e pensa:

"Esse branco é doido, é mais um que faz pesquisa, ou é professor" (5).

2.

Uma face da Cultura Popular é o Folclore, a memória de um saber ao mesmo tempo imposto e recriado.

A rapadura, o trovar a vida "um pouquinho dura", a moringa e o pote de barro, a binga e o cigarro, a rede de palha, a incolença para o morto na mortalha, a colcha de fiandeira, o rezar em latim da rezadeira, as estórias meninas do Trancoso, o cantório de Santos Reis na casa do pouso, o aboio do berrante e do vaqueiro, as artes de feitiçaria do moçambiqueiro, a encomenda de almas, a dança do catira entre canto e palmas, o cordel que vê o mundo e quer pensá-lo, a fô e a festa de uma Função de São Gonçalo.

A face mais visível da cultura popular é o folclore, o resíduo das regras do dominante que cerca e invade os porões da vida das gentes da roça e da favela. Esta face festiva da cultura popular são os modos rústicos de converter as coisas do mundo em objetos e regras de trabalho, de dança ou devoção, e mais os modos populares de pensar tudo o que há, como um saber do homem pensado antes da invenção da crítica sobre o que o faz viver assim (6).

Esta face sofrida, mas em festa, da cultura do povo contém a tradição dos muitos povos que há: o camponês, o meeiro, o posseiro, o operário, o sem-emprego, e pode haver tantas culturas concretas quantas eles são. Quando assistem de longe apenas o alvorecer da classe.

Esta cultura que em parte engana o povo não é "alienada", ela é a cultura possível, a que reflete o limite da vida, e, se a ilusão dos conteúdos do folclore são as fugas do real, o ato popular de recriar qualquer coisa sua, própria, e no meio da noite esgrimi-la contra os fantasmas da cultura d  
mass

é um sinal do trabalho popular de resistência na aurora da luta que aprêssa aquele amanhecer (7).

Poi: quando o povo cria, resiste, e a cultura popular são armas suas rezas do sortão contra as orações da igreja antiga, o imaginário de seus mitos contra a lógica do patrão, ou a sagrada vocação de invadir terras, derrubar cercas e quebrar com o tempo a geometria industrial de uma vila do E para recriá-la aos pedaços segundo o seu modo proletário de pensar a vida e dispor o mundo para habitar neles. (8).

## 3.

A outra face da cultura do povo reflete os atos e as regras das lutas populares.

Ató quando só sabermos ver na cultura popular os seus frágeis potes de barro e suas canções de ninar? Tem um rosto menos festivo e mais armado a outra face da cultura do povo.

Ela é o começo da história da classe e a memória do trabalho acose pela resistência popular contra a opressão

Esta é a face que inventa a crítica, recria o pensar e reflete a reinvenção do cotidiano na prática da luta popul Os mesmos sons que serviram um dia ao sonho, servem à luta, quando o povo cria a classe, a vizinhança inventa o moviment

a moça vira a militante e o campadre vira o companheiro.  
A mesma gente que um dia canta:

"Minha vida é um romance  
De tristeza e ilusão  
Parece que o destino  
Foi que me fez traição  
Minha esperança é perdida  
Quando eu canto a minha vida  
Doi em qualquer coração" (9).

Outro dia pode cantar:

"Na canga do boi de carro  
Tom gônto amarrado lá,  
Gento não é boi de carro  
Pra carro do boi puxar.  
Gento tom mente que gira  
Mente que pode girar,  
Gira a mente do carreiro  
A canga pôde quebrar"(10).

Quando o camponês oscila entre o novo e a classe,  
a consciência e a cultura oscilam entre o conto de fadas  
e as canções de luta.  
A cada passo de sua história de fazer a liberdade  
a melhor arte do povo é a mais fiel em refletir para o  
a memória coletiva de cada um dos seus momentos.  
Apenas o mesmo trabalho político que um dia muda o mundo,  
muda, estrada afora, as falas da cultura popular.  
É, quando um momento afinal incorpora a luta à vida,  
a cultura incorpora finalmente o pensar a vida como luta. (11)

4.

O educador popular muitas vezes olha  
e não vê os seus companheiros que há no povo.

A gente de qualquer favela ou lugar de camponeses  
tem os seus sábios, seus filósofos, sacerdotes, estrategistas  
e professores.  
Eles são como nós, nossos iguais em artes e ofícios,

mas às vezes o educador popular olha em volta e não os vê e, assim, trabalha sem eles, ou contra eles.

Conhecemos bem os nomes inteiros dos nossos guias:

Paulo Freire, Antônio Gramsci, Fernando Henrique Cardoso.

Mas os agentes de uma face e outra da cultura popular são uma gente para nós sem face, anônima ou coletiva a quem chamamos "o povo", "o povão", "a massa".

Ou então são os sujeitos com apenas meio nome, apolidos sem os nossos títulos de doutor, dom, mestre ou professor:

Lula, Percival, Joaquim de Goiás, Patativa do Assaré, Dona Maria, Chico Poteiro, Severino Pulado, Zé Loreira.

Eles são os "intelectuais tradicionais" da roça ou da cidade: rezadores, benzedeiras, artistas de cordel, contadores de contos, violeiros repentistas, chefes de ternos de congos, pais de santo. São também - convertidos de uma face à outra da cultura - os agentes que ajudam a conduzir a consciência da classe pelo território das muitas frentes de combate:

o líder operário, o presidente de sindicato, o artista militante, os sujeitos da comunidade eclesial de base, as mãos do clube de bairro, as mulheres da comissão de direitos humanos, os dirigentes anônimos dos comitês de greve (12).

Juntos eles constroem os dois lados da cultura popular, o que reflete a vida do passado e o que pensa a do futuro. Eles são os verdadeiros professores de uma educação de classe e, quando se educam a si próprios com a prática de que são parte, fazem avançar a consciência e a cultura de que são os guias.

##### 5.

É o trabalho político da classe quem transforma  
O que a Educação Popular apenas ajuda a transformar.

As flores não brotam sem antes a chuva,  
as palavras não caminham adiante dos gestos  
e todo o hino que se canta é por algo que se fez antes.  
Também a "consciência crítica" de que a "cultura de classe"  
é o espelho, não caminha adiante do trabalho político  
que faz e pensa a prática de um povo convertido na classe

para quem o homem libertado é o horizonte.

A consciência que aos poucos livra a cultura popular de ser a sobra submissa de uma cultura dominante é aquela que todos os dias nasce na linha de frente dos trabalhos da classe, e nunca nasce da massa metida na classe pelo professor. (13).

Aprendemos com o saber dos poderosos e de seus sábios que é preciso ensinar o povo com as sobras de nosso saber. Desde então estamos aí, "sacerdotes em marcha pela educação", ocupados em "civilizar" o índio, em "alfabetizar" o camponês, em "educar" o operário, para que aprendam a ser como nós e decorem nossas lições de "progresso" e "liberdade". Mas estas são, professor, as lições da falsidade, o saber mentiroso do patrão através do trabalho ingênuo e devotado do educador esclarecido e descompromissado (14).

Como culturas as culturas não se encontram entre as classes, a não ser através do massacre de uma sobre a outra, da invasão cultural disfarçada em "educação para o povo" com o que o educador popular envolvido imita sem querer a pedagogia opressora das escolas do capital. O povo não aprende com o saber direto do educador a não ser aquilo que antes aprendeu com a própria prática. A escola é a rua, a praça em passante, o salão cheio de greve as reuniões de mãos e de mulheres, os porões da militância. As aulas do povo são as situações concretas de seu trabalho e a cultura da classe são as construções simbólicas da trajetória de suas muitas vitórias e recuos.

O camponês, o operário e o boia-fria não aprendem as palavras e a gramática de sua própria liberdade nas páginas da cartilha das regras do educador popular. Eles aprendem nos mesmos lugares e com as mesmas lições que ensinam ao mesmo tempo o povo e o educador. Aprendem com o saber que há em todo o gesto proletário que converte o trabalhador embrutecido pela rotina da fábrica e pela pedagogia difusa e inimiga dos ardis do opressor no militante crítico que encontrou enfim a sua escola no seu próprio mundo, nas suas frentes de combate. Ali, onde o educador passa de professor a aliado.

## 6.

O horizonte da educação popular não é o homem educado,  
é o homem convertido em classe, o livre.

Caçamos borboletas ou nos iludimos com as nossas palavras?

Não há escolas para o povo; há escolas do povo,  
ou há as escolas do opressor.(15)

Há o MOBRRAL e há os grupos locais das lutas populares.

Em qual dos dois ficamos, professor?

Há os cursos patronais de formação de mão-de-obra,

há o Projeto Minerva, há os programas inócuos de Educação  
de Adultos e desenvolvimento de comunidades.

Do outro lado há momentos de prática, movimentos, espaços de luta,  
avanços e recuos, trajetórias de trabalho e revisões.

Há grupos, gentes e agentes populares de cultura.

De um lado as prisões didáticas cheias de flores e recursos,  
mas armadilhas que transformam o homem em massa  
e o corpo em máquina.

Do outro lado as situações, companheiro, as estruturas,  
as escolas, os instrumentos e os educadores diretos da classe.

O trabalho do educador popular que não caça borboletas  
para os museus da academia,

e não se engana com o poder do fogo das palavras do sistema,  
consiste em estar ali, no campo da frente do combate,

e participar, e somar o seu trabalho didático

à prática política que guia o povo e o seu trabalho, educador.

A educação popular não ensina e não conduz,

ela acompanha e reflete a prática do povo e vai à sua retaguarda.

A cultura da classe e a sua prática

são ao mesmo tempo o caminho e a caminhada,

e o que se faz todo o dia pela conquista do poder da liberdade

e o que se aprende todo o dia sobre ela,

ao se fazer e acreditar.

O educador popular não é aí o dirigente e nem o professor

de uma gente de frente que afinal tem os seus próprios

criadores de uma nova cultura.

Não há métodos, portanto, e nem sistemas rígidos, porque é cada passo da prática política quem dita as regras da didática.

A educação popular não é o caminho e nem a caminhada, mas ao longo do caminho, é como os sinais da caminhada: informes, mapas, setas, estrelas, recursos de orientação, os sinais que apontem em direção a rumos já encontrados e apenas ajudem quem caminha a não errar a caminhada.

7.

EM NOME DO QUE EU FALO, COMPANHEIRO.

O horizonte da cultura popular é a cultura de classe, e a cultura de classe é o saber do homem libertado. O homem libertado existe na classe que toma o poder e liberta o homem, quando cumpre a profecia a que serve a verdadeira educação popular:

"Inexoravelmente,  
como uma onda que ninguém trava,  
vencemos,  
o povo tomou a direção da barca" (16).

notas

1. "Quantos somos, não sei ... Somos um, talvez dois, três,  
Talvez quatro, cinco, talvez nada.  
Talvez a multiplicação de cinco em cinco mil  
E cujos restos encheriam dome terras!"

Vinicius de Moraes

O Poeta

2. A faca de dois gumes que é o conhecimento do intelectual burguês sobre as coisas do povo. Quantas vezes serve ao povo, através do intelectual militante? Quantas vezes serve apenas aos círculos profissionais de caçadores de borboletas culturais ou de caçadores de palavras de salvação? Quantas vezes, através deles, serve para orientar o trabalho que alimenta as oficinas da cultura erudita e dominante e a cultura de massas? Ver as muitas situações em que as agências do sistema (do MORNAL à TV Globo) lançam mão de material de cultura popular para devolvê-lo ao povo, transformado com os interesses do seu domínio.

3. "Para muitas pessoas a palavra 'pesquisa' está associada a volumosos e abstratos trabalhos científicos que são apresentados, na maioria das vezes, em linguagem esotérica por especialistas que lidam com assuntos específicos e inacessíveis. Estes empreendimentos de longa duração, em geral, são realizados nas universidades onde, na maioria das vezes, não representam mais do que o preenchimento de regulamentos acadêmicos para a obtenção de títulos e honrarias. E, apesar de todo o 'conhecimento' que esses trabalhos supostamente representam, é muito frequente que, após a solene apresentação, vão parar tranquilamente nas gavetas e nas estantes da Biblioteca da Universidade" ...

"Os temas variam, porém os mesmos padrões são repetidos em quase todos os lugares: os oprimidos são identificados, dissecados, medidos e programados de fora pelo opressor ou por aqueles que o representam".

"Os opressores, com auxílio de suas ciências, determinam os objetivos da pesquisa e a metodologia que deve ser utilizada. Os resultados, além disso, são praticamente ocultados e não são discutidos com as pessoas que estão diretamente

ligadas ao problema, isto é, os oprimidos. A pesquisa é feita sempre sobre eles, o que significa, sem eles!

A Observação Participante: uma alternativa sociológica.  
Equipe do IDAC/Instituto de Desenvolvimento e Ação Cultural  
Suplemento CBI nº 20/ Ciência e Ação Cultural  
Rio de Janeiro, março de 1978.

4. Versos de uma "1ª volta" da Dança, Reza ou Função de São Gonçalo, cantada por Antônio Teles, o "Folgazão", no lugar chamado Guaxinduva, bairro de sitiantes próximo a Batatuba, no município de Bom Jesus dos Perdões, em São Paulo.
5. Ou, como um dia me disse um preto, congadeiro incrível de um terno de negros da Festa de São Benedito, quando me viu imóvel, de gravador em punho, pesquisando:

"pois é, quem sabe, dança, quem não sabe, estuda".

6. "E, em primeiro lugar, é necessário demonstrar que todos os homens são 'filósofos', e definir os limites e peculiaridades desta 'filosofia espontânea', característica de 'todo mundo' e, portanto, a filosofia contida: 1) na linguagem como conjunto de conhecimentos e conceitos, e não só uma soma de palavras gramaticais carentes de conteúdo; 2) no sentido comum e no bom sentido; 3) na religião popular e, assim também, em todo sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e fazer entre os quais o 'folclore' é tão fascinante" ...

Antônio Gramsci

Questões Preliminares de Filosofia, em La Formación de los Intelectuales, Ed. Grijalbo, México, 1967, pg. 61.

7. São os muitos casos em que, através do artista popular, a cultura do povo começa a pensar sobre si própria e a sua condição. Há inúmeras músicas sertanejas de toda uma fase pre-política em que é feita uma oposição entre a cultura letrada e imposta, e a cultura da gente da roça. Mesmo quando a primeira é reconhecida como "mais culta", a segunda é definida como mais necessária, porque é a do povo e lhe reflete a identidade e a vida.

"Poeta cantor da rua  
 Que na cidade nasceu  
 Cantô a cidade que ô sua  
 Que eu canto o sertão que ô meu.

Se aí você teve estudo  
 Aqui Deus me dou tudo  
 Sem de livro precisar.  
 Por favor não mexa aqui  
 Que eu também não mexo aí  
 Cante lá que eu canto cá.

Repare que a minha vida  
 É diferente da sua  
 A sua rima polida  
 Nasceu no salão da rua  
 Já eu sou bom diferente  
 Meu verso ô como a semente  
 Que nasce em riba do chão  
 Não tem estudo nem arte  
 A minha rima faz parte  
 Das obras da criação.

Você tem muita ciência  
 Aprendeu inducação  
 Mas das coisas do sertão  
 Não tem boa experiência  
 Nunca fez uma palhoça  
 Nunca trabalhou na roça  
 Não pode conhecer bem  
 Pois nossa penosa vida  
 Só quem provou da comida  
 Sabo o gosto que ela tem.

Pra gente cantar o sertão  
 Precisa nele morar  
 Ter almoço de feijão  
 E a janta de mungunzá  
 Viver pobre sem dinheiro  
 Trabalhando o dia inteiro

Socado dentro do mato  
 De apragata currulepe  
 Pisando dentro de estrepe  
 Brocando a unha de gato.

Você é muito ditoso  
 Sabe ler e sabe escrever  
 Pois vai cantando seu gozo  
 Que eu canto meu padecôr  
 Enquanto a felicidade  
 Você canta na cidade  
 Cá no sertão ou enfrente  
 A fome, a dor, e a miséria  
 Pra ser poeta de vera  
 Precisa ter sofrimento.

Sua rima ainda que seja  
 Bordada de prata e de ouro  
 Para a gente sertaneja  
 É perdido este tesouro.  
 Com o seu verso bom feito  
 Não canta o sertão direito  
 Porque você não conhece  
 Nossa vida aperreada  
 E a dor só é bem cantada  
 Cantada por quem padece.

Só canta o sertão direito  
 Com tudo o que ele tem  
 Quem sempre correu estreito  
 Sem proteção de ninguém  
 Coberto de precisão  
 Suportando a privação  
 Com paciência de Jó.  
 Puxando cabo da enxada  
 Na quebrada e na chapada  
 Molhadinho de suor.

Patativa do Assaré

'Canto lá que eu canto cá'  
 versos encontrados em um volante mimeografado que circula  
 nos sertões de ...

## 8. Do "História da Luta e da Vitória de Alagamar".

"Pegamos o gado dos fazendeiros e tiramos do nossas roças. Derrubamos as cercas dos proprietários, fizemos mutirão e arrancamos muda por muda todos os pés de cana que tinham sido plantados no meio das lavouras. Quando os patrões quiseram proibir nós de arrancar os cocos, cercamos os patrões e os jagunços e obrigamos eles a fugir".

em: 12 de maio - lutas e vitórias da classe trabalhadora.  
CRD - Centro de Reflexão e Documentação, Goiânia, maio 79.

"A rua vai ganhando uma fisionomia tão peculiar que às vezes já não identificamos uma série de casas planejadas e outrora idênticas. Temos observado esse movimento lento e contínuo de diferenciação seja nos bairros de Goiás, planejados pelo DNII, como a Redenção, seja em zona mais esquelada do Osasco. Há uma composição paciente e constante da casa no sentido de arrancá-la à 'racionalização' e ao código imposto".

Escola Bosi

Problemas ligados à cultura das classes pobres

em: A Cultura do Povo, Cortez e Moraes/EDUC

São Paulo, 1979.

## 9. "Canção do Lenço", versos de cordel de Severino Pelado.

10. Versos de "A Canção do Carreiro", de Percival, compositor popular de viola e líder rural em Goiás. Recomendo ao leitor a fita cassete: "Canto dos Lavradores de Goiás", editada pelo Centro de Reflexão e Divulgação, do Goiânia.

11. "A primeira coisa é enxergar. Depois que a pessoa enxerga, já começa a perceber o claro da libertação. Precisava ajudar todos os companheiros a enxergar pra fazer aquela união grande, aquele mutirão forte. No roteiro da comparação da semente, primeiro se enxerga o timbete e as outras pragas da sufocação do arroz. Depois se organiza o mutirão pra combater aquela sujeira toda".

"Uma coisa que muito atrapalha é a tradição. As pessoas ficam pensando, presas a certos costumes, satisfeitas e acomodadas. Não enxergam que está tudo podre. Não imaginam que a

religião da gente pode estar sendo só um tapete, escondendo a sujeira por baixo. Alguns percebem que o tapete não está muito limpo, largam tudo mas não acordam, não tomam um compromisso de fazer coisa melhor".

"A sujeira que está por baixo é a exploração dos latifundiários, a ambição. Como então lutar para fazer uma verdadeira comunidade? Temos que abrir os olhos dos companheiros para que enxerguem essa sujeira ..."

Os Estudos Bíblicos de um Lavrador  
Tempo e Presença nº 25 - Cei, suplemento nº 25  
Centro Ecumênico de Documentação e Informação - CEDI  
Agosto, 1979.

12. E o povo aprende a contar a memória dos seus próprios homens de luta popular.

"Neste ano uma tragédia  
Caiu sobre o povo inteiro  
Tombou morto um operário  
Ferido em tiro certeiro  
Foi Santo Dias da Silva  
Trabalhador brasileiro.

Este crime verdadeiro  
Estarreceu a nação  
Santo morreu ali mesmo  
O rosto colado no chão  
Quando a bala de um polícia  
Atravessou-lhe o pulmão ...

A morte cortou o fio  
De uma vida combativa  
Santo morreu defendendo  
A classe, com força viva  
Um bravo trabalhador  
Da luta nunca se priva".

Laerto Coutinho

A Vida Eterna de Santo, ou Santo contra o Inferno  
volume 2 da coleção: O Povo e seus Poetas  
Oboré Editorial, São Paulo, 1979.

Publicado também no jornal Porandubas, PUC/São Paulo

13. "Estamos procurando fazer juntos a caminhada. Mas quando  
neste processo a quem se impõe a idéia dele, a ensinar o

Evangelho como se fosse o dono, vira patrão, está tomando o lugar do Deus!"

"Sabe que disse uma coisa certa? Nós já nos acostumamos a trocar idéias e descobrir juntos o caminho. Ninguém banca o professor. Todos procuramos unidos. Tem um coordenador na reunião mas só pra organizar o debate. E quando a gente começa a enxergar mais claro e ter uma boa consciência, qualquer um pode coordenar. É aquilo de apresentar a comida na hora certa: mas cada um ó que come".

Estudos Bíblicos de um Lavrador. op. cit. pg. 50.

14. "Em resumo, 'civilização', 'educação', 'promoção' são apenas para camuflagem da realidade concreta de exploração e pilhagem, opressão, brutalização e humilhação. Palavras bonitas para nos enganarem e adormecerem. Por isso, através de cada palavra de ordem do regime de opressão devemos ver a realidade que ela encobre".

"A burguesia afirma ainda que deve ser minoria intoligente e capaz, os ricos e os doutores, quem deve governar a maioria que eles consideram brutos e incapazes".

Samora Machel

O Poder dos Exploradores ó para Oprimir o povo, o Nosso Poder ó o Poder do Povo.

em: Estabelecer o Poder Popular para Servir às Massas  
Ed. Codocri, Rio de Janeiro, 1979, pg. 19.

"Os bem intencionados, ou seja, aqueles que utilizam a 'invasão' (cultural), não já como ideologia, mas por causa das deformações a que fizemos referência em páginas anteriores, terminam por descobrir, em suas experiências, que certos fracassos de sua ação não se devem a uma inferioridade ontológica dos homens simples do povo, mas à violência de seu ato invasor. De modo geral, este ó um momento difícil pelo qual atravessam muitos dos que fazem tal descobrimento".

Paulo Freire

Pedagogia del Oprimido

Tierra Nuova, Montevideo, 1970, pg. 204.

15. "Aqui o educador precisa ser educado, e a educação popular precisa aprender com os seus alunos antes de ensiná-los. A primeira lição é o desocultamento do sua própria ilusão pedagógica. Ela não possui um espaço próprio no campo da educação, onde são reais apenas a educação do sistema, que articula, como trabalho pedagógico, os interesses do colonizador político e cultural; e a educação de classe, que articula os do colonizado. A educação popular oscila entre as duas e, como não pode, a não ser ilusoriamente, possuir um projeto próprio de fazer a história, ou cumprir os do sistema, ou cumprir os das classes subalternas".

"Por consequência, o lugar da prática pedagógica popular, como trabalho simbólico da educadores-intelectuais a serviço do trabalhadores-subalternos, fica um pouco atrás da prática política de classe e ao lado de sua educação, ou seja, do ponto de vista de sua prática. Para não acabar sendo apenas uma forma mais 'avançada' de educação do sistema, a educação popular deve ser um modo de participação de intelectuais-educadores na educação de classe".

16. Agostinho Neto

Do Povo Buscamos a Força

em: Poemas de Angola

Ed. Codocri, Rio de Janeiro, 1979.

Onde se lê, ainda:

"Na mesma barca nos encontramos.

Todos concordam - vamos lutar.

Lutar pra que?

Pra dar vazão ao ódio antigo?

ou para ganharmos a liberdade

e ter pra nós o que criamos?

Na mesma barca nos encontramos

Quem há-de ser o timoneiro?

Ah, as tramas que eles teceram!

Ah as lutas que aí travamos!

Mantivemo-nos firmes: no povo

buscáramos a força

e a razão" ...

pg. 50.